

# REPRESENTAÇÕES CORPORAIS: A PARTIR DA PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS

SILVA, Adriane Corrêa da. Coordenadora do Curso de Educação Física do ILES/ULBRA-PVH/RO<sup>1</sup>  
Ribeiro, Paula Regina Costa. Professora do Curso de Biologia da FURG/RS<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa situa o leitor sobre o contexto histórico cultural o qual estamos inseridos. Silva (1999) destaca que as diferentes instâncias e práticas culturais encontram-se implicadas na produção de significados que, ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, prazeres e desejos, produzem as pessoas. Partindo então deste contexto, consideramos o ambiente como um lugar vivenciado, pelos corpos, produzidos a partir das pedagogias midiáticas, escolares, familiares, religiosas. O ambiente aqui é entendido, enquanto meio no qual estamos inseridos e somos históricos e culturalmente reproduzidos e interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Para Ribeiro (2002), em cada sociedade, o ser "menino" ou "menina", é transmitido às crianças desde o nascimento, pelas práticas culturais estabelecidas num primeiro momento pela família e depois pelas diferentes instâncias sociais como a escola, a igreja, o clube, a mídia. Instituem-se aí, as estereotípias de gênero, reveladoras do tipo de sociedade e cultura em que os sujeitos estão inseridos. Meninos são fortes, jogam bola e meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, por exemplo. Assim, consideramos necessário dizer que nesta pesquisa objetivamos ouvir e investigar os discursos sobre os corpos, produzidos por acadêmicos/as de educação física da Universidade Federal de Pelotas e fundamentamos nossa investigação num posicionamento que utiliza o conceito de gênero como uma construção sócio-histórica das distinções/diferenciações baseadas no sexo (LOURO, 1997 e 1999). A partir deste entendimento observamos que os discursos são proferidos de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observamos que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. Conforme Woodward (2000, p.10), "existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa". De certa forma, incorporamos e assumimos discursos nas relações com os outros e fazemos daquilo que não se é, contribuições para o que gostaríamos de nos tornar. Para complementar nosso entendimento sobre os discursos investigados, a identidade profissional é assumida em função dos discursos em nós representados, recorremos assim, ao entendimento de identidade, conforme Hall (2000, p.111) que utiliza o termo identidade para "significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, de um lado, os discursos e as práticas que nos tentam "interpelar", nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar". Ao falarmos desses corpos, acabamos observando que a preocupação deste grupo pesquisado é com a construção de um corpo mais forte, ágil e empreendedor, e é preciso ressaltar que, em relação às condições de vida e de trabalho, esse quadro pouco se alterou no país. Cuidar do corpo significa cuidar da nova sociedade e conseqüentemente das práticas pedagógicas da Educação Física que foram colocadas em ação e que estão ainda em vigor.

**Palavras-chave:** Corpo; Discurso; Cultura e Educação Física

**Eixo temático:** Educação, Linguagem e Cultura na Amazônia

**Modalidade de apresentação:** Comunicação Oral

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Ambiental pela FURG e Coordenadora do Curso de Educação Física do ILES/ULBRA de Porto Velho/RO. dricaacs@ig.com.br

<sup>2</sup> Doutora pela UFRGS e professora do Curso de Biologia da FURG/RS. pribeiro@vetorial.net

## INTRODUÇÃO

Diante do contexto histórico e cultural que envolve este trabalho, trazemos Silva (1999) para destacar que as diferentes instâncias e práticas culturais encontram-se implicadas na produção de significados que, ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, prazeres e desejos, produzem as pessoas.

Partindo então deste contexto, consideramos o ambiente como um lugar vivenciado, experienciado pelos corpos, produzidos a partir das pedagogias<sup>3</sup> midiáticas, escolares, familiares, religiosas entre outras e neste sentido Reigota define meio ambiente como:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (2001, p.21).

A partir desse entendimento adotaremos ambiente para determinar o meio no qual estamos inseridos e somos históricos e culturalmente (re)produzidos e interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Sendo assim, é a partir do ambiente que as características, as “marcas”, passam a ser reconhecidas e incorporadas por nós.

Reconhecer-se, a si mesmo, como sujeito da história pode ser mais complicado e penoso do que tentar reconhecer o outro sob o mesmo aspecto. Contudo, não há verdadeiro reconhecimento de si e do outro senão por essa passagem pessoal e intransferível (REIGOTA, 2001, p. 10).

Para Ribeiro (2002) em cada sociedade, o ser "menino" ou "menina", é transmitido às crianças desde o nascimento, pelas práticas culturais estabelecidas num primeiro momento pela família e depois pelas diferentes instâncias sociais como a escola, a igreja, o clube, a mídia. Instituem-se aí, as estereótipos de gênero, reveladoras do tipo de sociedade e cultura em que os sujeitos estão inseridos. Meninos são fortes, jogam bola, usam roupa azul. Meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, usam roupa rosa, por exemplo.

---

<sup>3</sup> Para Ribeiro (2002) “na perspectiva cultural, as pedagogias, enquanto processos sociais que ensinam, não se limitam ao espaço escolar – ao contrário, estendem-se a todos aqueles espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados”.

Assim, consideramos necessário dizer, que estamos fundamentadas em posicionamentos que utilizam o conceito de gênero como uma construção sócio-histórica das distinções/diferenciações baseadas no sexo (Louro, 1997 e 1999). O que vale dizer que a masculinidade e a feminilidade, ao contrário do que algumas correntes defendem, não são constituídas propriamente pelas características biológicas, mas são produtos de tudo o que se diz ou se representa dessas características (Louro, 2000). Isso não significa uma negação da biologia dos corpos, mas tomar em consideração as construções culturais historicamente produzidas, a partir das características de natureza biológica dos corpos, neste caso, em relação às características dos sexos.

Portanto, o nosso agir, como homens e mulheres, encontra-se implicado no processo de socialização em que fomos e estamos inseridos. Para Louro (2000, p.115) o conceito de gênero,

[...] passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa. De certa forma, se incorpora e se assumem discursos nas relações com os outros e se fazem daquilo que não se é, contribuições para o que gostaria de se tornar.

Para justificar nosso interesse sobre os corpos retomo as primeiras formas de sistematizações sobre os exercícios físicos, conforme o Coletivo de Autores:

...denominados de Métodos Ginásticos, tendo como autores mais reconhecidos o sueco P. H. Ling, o francês Amoros e o alemão A. Spiess, com contribuições advindas também de fisiologista como G. Demeny, E. Marey, médicos como P. Tissié e ainda professores de música como J. Dalcroze (1992, p. 52).

Estes autores deram sustentação e garantiram o espaço da Educação Física enquanto componente curricular, pois era instrumento necessário para aprimoramento físico dos indivíduos, que fortalecidos e com saúde, contribuíram com a indústria do século XVIII e XIX, sendo esta uma das funções da Educação Física na escola, sem esquecer do seu caráter científico, marcada pelas ciências biológicas.

Considerando os discursos que nos constituíram e nos constituem estão presentes às culturas das mulheres e dos homens, pelo menos numa maneira de olhar as coisas com outros olhos, do que é permitido e do que é omitido no cotidiano vivido.

Como o entendimento de cultura é central para este estudo, apresentamos algumas compreensões que mais se relacionam com as discussões aqui estabelecidas.

A cultura pode ser entendida tanto como uma forma de vida - compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder - quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante. Ou ainda, “os terrenos reais, sólidos, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica” (HALL APUD NELSON, 1995, p. 14-15). Ou como diz Hall, “a produção e o intercâmbio de significados – ‘o dar e o receber de significados’ – entre os membros de uma sociedade” (1997, p. 2), ou seja, que a produção cultural de significados se dá sempre através de uma grande diversidade de significados com os quais um grupo social se identifica ou se identificará num permanente movimento de (re)negociação com outros grupos.

Portanto, os indivíduos são produzidos por construções/representações que circulam na cultura, constituindo e instituindo o que e como “ver” a si e ao mundo. Para SOUZA, assim os “sujeitos e práticas discursivas - podem ser percebidos como representações de grupos sociais, ficções de outros e outras, fabricadas nas múltiplas experiências de vida” (2000, p.100).

Embora os Estudos Culturais não sejam um campo homogêneo, examinam as práticas culturais e suas relações de poder na produção do sujeito, identificando as relações de poder e como elas influenciam e moldam as práticas culturais e os sujeitos. Portanto, algumas versões dos Estudos Culturais, especialmente as abordagens pós-estruturalistas que se utilizam às concepções de poder e discurso de Foucault, vão ocupar-se com as práticas culturais implicadas na produção de significados que, ao criarem os modos de nomear, ordenar e representar a realidade, direcionando e delimitando o campo das percepções e das ações possíveis dos sujeitos no mundo.

São essas construções produzidas no interior de determinados discursos e práticas sociais imbricadas em relações de poder que instituem o sujeito e a cultura.

Deste modo, as contribuições da virada lingüística são importantes para o entendimento de linguagem, que passa a ser entendida, não mais como veículo neutro e transparente de representação da “realidade”, mas como constituidora de “realidades”. Para Veiga-Neto (1996, p.168), “mais do que mediatizar, isso é, intermediar ou representar para nós o que é o mundo, a linguagem constrói o mundo (...) a linguagem constrói o que interessa do mundo, isso é, constrói os sentidos que damos ao mundo”.

Desse modo, os significados e “os objetos” que dizemos existirem no mundo, não existem a priori, mas são estabelecidos nas redes das práticas discursivas ou não, vinculadas a regimes de verdade que lhes dão legitimidade. Neste sentido, o poder atua como se fosse uma rede “a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1987, p. 90). Nesta rede, os indivíduos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação, eles não são os alvos inertes ou consentidos do poder, mas seus centros de transmissão (FOUCAULT, 1988). Outro aspecto consiste em entender o poder não como coercitivo, repressivo e negativo, mas como produtivo: “ele inventa estratégias que o potencializam; ele engendra saberes que o justificam e encobrem; ele nos desobriga da violência e, assim, ele economiza os custos da dominação” (VEIGA-NETO, 2000, p. 63).

Sendo assim, nossa intenção neste momento é situar o leitor, interlocutor sobre os entendimentos dos Estudos Culturais, para que juntos possamos continuar percorrendo e entendendo os caminhos trilhados a partir da produção de significados

## **METODOLOGIA**

Em relação às metodologias empregadas nos estudos desse campo não há, uma metodologia específica, ou seja, as nossas escolhas dependem das questões que são feitas e essas dependem de seu contexto específico. Para Nelson et al. (1995, p. 9) a metodologia pode ser entendida “...como uma bricolagem. Isto é, sua escolha da prática é pragmática, estratégica e auto-reflexiva”.

Existe, por um lado, as análises que privilegiam o estudo da cultura como um todo e *in situ* - localizadas em seu contexto material; e, por outro lado, há as análises

textuais que enfatizam os mecanismos pelos quais o significado é produzido na linguagem, na narrativa, ou em outros tipos de sistemas de significação (Johnson, 1999). Assim, “a análise textual, a semiótica, a desconstrução, a etnografia, as entrevistas, a análise fonêmica, a psicanálise, a rizomática, a análise de conteúdo, o *survey* - todas podem fornecer importantes *insight* e conhecimentos” (Nelson et al., 1995, p.10).

Embora os procedimentos metodológicos dos Estudos Culturais possam ser caracterizados por uma configuração investigativa ampla, isso não significa que tudo vale. Segundo Bennett não importa que os Estudos Culturais sejam divergentes em vários aspectos, mas eles têm o compromisso de examinar as práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de relações de poder (1992, apud Nelson et al., 1995, p. 11), produtoras da significação e da identidade social.

Pois bem, esta pesquisa foi aplicada a um grupo de acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas/RS com o intuito de entender os significados dos discursos representados sobre corpos e seus significados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas representações de corpos dos acadêmicos/as emergiram os seguintes discursos: “corpos enquanto fases da vida”, “corpos – poder, força”, “corpos – desejo, consumo”, “corpos - instrumentos de trabalho, segmentados, saúde” e “corpos – expressão (corpos que falam)”.

As representações dos corpos, enquanto fases da vida, trazidas à reflexão, retoma a discussão sobre as práticas, especificamente, dos saberes científicos sobre o desenvolvimento humano. Podemos perceber que o discurso da materialidade biológica foi ordenado em fases, cuja organização busca mostrar as etapas da vida de uma mulher, ou seja, as falas nos mostram a normalização e a naturalização de discursos – da biologia, medicina, psicologia – sobre as mulheres, ou seja, sua identidade de mulher-mãe. Para Souza (2001, p.136).

Ao esquadrinhar, descrever, categorizar e ordenar os múltiplos processos orgânicos ou “naturais” que ocorrem no(s) corpo(s), definindo as características e os atributos específicos de cada fase do desenvolvimento humano em que a pessoa é enquadrada e se enquadra, essa técnica de poder/saber cria

simultaneamente um entendimento acerca do próprio corpo e um posicionamento da pessoa em relação a si e aos e às demais pessoas.

Ao estabelecer as transformações biológicas do corpo, definem e criam as suas necessidades, valorizando o corpo feminino, mãe, mulher – enquanto espaço reservado e íntimo.

Outra representação, surgida entre traços e rabiscos a partir das narrativas do primeiro e segundo encontro foi “corpos – poder, força”.

A relação trazida sobre os corpos e a política é uma relação de poder, já que os corpos selecionados foram do “kerry” candidato a Presidente dos Estados Unidos colocado para análise e do “Lula” ex- presidente do Brasil, reforçando a importância social e cultural dada a cada político.

O discurso apontado é o da diferença, mas uma diferença pautada na questão de poder – economia. Fica registrado na montagem das faixas, ao colocar o candidato dos Estados Unidos acima e o atual presidente do Brasil abaixo (na montagem do painel)– o discurso das posições assumidas no mercado internacional.

Hoje não existe uma única forma de ver os corpos, pois o mercado abarca múltiplas idéias de corpos para manter o poder econômico e, sendo assim, “as alterações que a economia desencadeia se encontram fora das instituições sociais que poderiam preservar interesses outros que não os do próprio mercado” (SILVA, 2001, p. 59). As representações registram inscrições assumidas pelos corpos que podem a todo o momento ser problematizada para serem re-construídas, pois através das imagens midiáticas, existem discursos subliminares, entorno das imagens do “LULA” - “KERRY” – “SADDAM”, que enfatizam os discursos masculinos, de poder, supremacia, violência, vida e morte a partir dos corpos.

A próxima representação, entre elas a de “corpos – desejo, consumo”. Levando em consideração a argumentação trazida por estes sujeitos, as representações de sexualidade estão presentes, assim como, seus entendimentos de corpos são expressos por várias figuras femininas, em sua maioria, sedutoras. Esse corpo sexual é construído, de alguma forma pelos discursos que procuram mostrar as mulheres como objetos de prazer e desejo dos homens.

É interessante agregar a este texto a argumentação de que “as formas de intervir nos corpos – ou de reconhecer a intervenção – irão variar conforme a

perspectiva assumida” (LOURO, 2000, p. 61). Sendo assim, o discurso assumido pelo Cléber e pelos demais, reforça o apropriado ou esperado pelas convenções sociais de beleza, desejo e saúde, até porque, se fala do lugar de um acadêmico de Educação Física que está comprometido e envolvido com os discursos de beleza e consumo.

As representações do feminino reforçam a cultura do espaço íntimo conforme SANT’ ANNA (1995, p. 122), a mulher que detalhadamente pensa, seu embelezamento no não visto por todos, nos detalhes, é representada pela mulher para a vida íntima.

Estas narrativas trazem corpos, enquanto desejo sexual, abordado por LUPTON (2000, p.21) “o corpo sexual é construído, de certa forma, pelos discursos dominantes que procuram limitar algumas formas de expressão erótica consideradas ‘perversas’ e promover e legitimar outras como ‘normais’”.

Permanece caracterizado o embelezamento e desejo feminino conforme SANT’ANNA (1995) e as imagens descritas pelos sujeitos provocam o estranhamento de si em relação aos outros do grupo, na medida que reforçam o discurso vigente do corpo europeu, mesmo quando no grupo de interlocutores se faz presente outras etnias, das quais os sujeitos da pesquisa, não as identificam como outras possibilidades de representação corporal.

Nesta narrativa, encontramos as representações de “corpos - instrumentos de trabalho, segmentados, saúde”, e sendo assim, nestas colocações, há uma separação de corpo e razão, reforçando o dualismo moderno do século XVII. As narrativas traçam uma rede de significados assumidos pelos corpos, e conforme Foucault (2004), estas representações não são novas interpretações e sim, representações de discursos. As segmentações dos corpos, enquanto individual (homem) e máquina (espécie), são representações passadas: aquela “constituindo-se por saberes constitutivos de uma anátomo-política do corpo humano”, e esta “se estrutura no século XVIII, com a sociedade de controle” (SÁ, 2003, p.78).

Refletir sobre os corpos, apoiada nos pensamentos dos autores, faz com que estes colaborem e reforcem meu trabalho, colocando em questão certos hábitos corporais utilizados na sociedade atual.

Por fim, nas representações trazidas por um grupo de acadêmicos do curso de Educação Física estão os discursos de “corpos – expressão (corpos que falam)”, no qual emergiu a fala de um comediante que expressa corporalmente o que



verbaliza trançando um pouco do que registra ao escrever sobre a ginástica e o papel que o circo do século XIX assume marcando seu sucesso nas diferentes classes sociais, na qual, o mesmo espetáculo era assistido em dias e horários diferenciados. “O corpo exibido em movimento constante despertava o riso, o temor e, sobretudo, a liberdade. Havia uma inteireza lúdica na gestualidade de cada personagem” (SOARES, 2002, p. 24).

Gestualidade reproduzida pelos artistas modernos que de certa forma demonstram resistência às regras e normas a partir de seus corpos, desafiando com seu humor as instituições, ou sendo utilizados por elas para explorar o mercado capitalista, não é diferente da visão do século XVIII e XIX, na qual, o mundo do circo trazia o corpo como centro de entretenimento, priorizando imagens, luzes, sons, gestos e risos, deslocando as pessoas das vilas, desestabilizando a rotina diária de trabalho e os comportamentos civilizados da época

Ainda de acordo com Soares (2002) há um conjunto de saberes apagado do registro e da memória do povo, tratando-se de práticas populares tradicionais de artistas de rua, e acrobatas, vistas pelos higienistas e pedagogos do século XVIII, como sendo prejudiciais ao corpo.

Para esta autora, nos escritos da ginástica do século 20, a negação de elementos cênicos, funambulescos, acrobáticos, instalando-se na época um desejo de controlar o divertimento do povo, no tempo fora do trabalho. A recusa em relação aos espetáculos do mundo circense e das festas populares foi de grande repercussão, na qual os corpos ocupavam o lugar principal. Mas, foi à ginástica científica que através dos corpos, se ofereceu enquanto espetáculo de controle corporal.

Dentre todos estes discursos à beleza do gesto, o lúdico, o mágico, o riso e a alegria: que caracterizavam o mundo circense deveriam ser apagados da memória do povo, “em nome do que se chamava precisão, utilidade e rendimento” (SÁ, 2003, p.83).

"Corpos – imagem (corpos midiáticos)", outra forma de representação surgida a partir do curso narrativo com os acadêmico@s da Educação Física.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das culturas de cada interlocutor – esta aquarela foi dando significado ao processo de narrar fatos, experiências, histórias de vida, comentários, sussurros, escolhendo figuras, fotos, que estão através da linguagem atravessadas pelos ambientes que os constituíram e conseqüentemente, nas interlocuções, contatos, negociações em meio às relações estabelecidas e legitimadas, construindo significados.

Faço esta pincela sobre a tela com a intenção de entender as representações de corpos e minha própria constituição frente aos significados que são produzidos culturalmente, e que fez me aproximar dos acadêmic@s e suas construções culturais, nas diferentes maneiras que cada um se constituiu, neste percurso nada linear, sendo influenciados a todo o momento pela família, religião, profissão, mídia entre outras, ou seja, ambientes de convívio e relações.

Pensando nestas questões através do Curso “Corpo e Ambiente” foram construídas narrativas, em diferentes dimensões, sociais, culturais, políticas, enfim, criando resistência nas manifestações entorno das representações de corpos. Ao serem problematizadas, emergiram outras narrativas no fluir dos discursos, como “corpos enquanto fases da vida”, “corpos – poder, força”, “corpos – desejo, consumo”, “corpos - visão utilitarista, (corpos -instrumento de trabalho, segmentado, saudável)” e “corpos – expressão (corpos midiáticos)”. A partir de suas narrativas, conforme Larrosa (2003) do que se vem dizendo, sobre os corpos, observa-se que os corpos são constituídos por diversas épocas e atravessados a todo o momento pelos distintos discursos, práticas sociais, enunciados científicos, dentre outras construções que circula na trama social, sendo que, os discursos são a todo o momento, assumidos e re-significados pelos sujeitos.

O curso oferecido para obter a coleta dos dados narrativos, serviu para desestabilizar, as representações de corpos como acontecimentos discursivos que vão sendo reproduzidos sem serem contestados.

Através dos olhares dos acadêmicos/as foram enfatizados e reforçados alguns discursos que representam os sujeitos da Educação Física. Nestas representações de corpos emergiram: a força masculina, o embelezamento feminino, a saúde, o poder político e religioso, o disciplinamento, a serventia, a sexualidade e as fases da vida, enquanto fenômeno biológico sabendo que estes discursos não estão dissociados.

Suas narrativas trouxeram depoimentos a respeito dessa seara de corpos do cotidiano, dos esforços que fazem, mas parecem não fazer, para manter os corpos com a “cara” da Educação Física, envolvendo roupas especializadas para área, um corpo sarado, mesmo que com pouco esforço, um esteriótipo de corpo que reforça o discurso midiático e mesmo quando não estão dentro desses discursos, acabam buscando, reproduzindo e incorporando em doses homeopáticas.

Entendo que as narrativas tenham sido significativas no decorrer do processo, e por isto, acredito ser importante pontuar algumas questões que tornam-se bastante expressivas:

Questões referentes ao embelezamento feminino, desejo e consumo, ressignificando os discursos conforme Sant’ Anna (1995) na qual valoriza o corpo feminino, mãe, mulher – enquanto espaço reservado e íntimo.

O disciplinamento enquanto relações e problematizações feitas por Foucault (1987) ao relacionar em uma de suas obras às instituições de seqüestro (as prisões, os conventos, as fábricas, as escolas) na produção de corpos dóceis e úteis à sociedade.

O discurso de poder está pautado na diferença, mas uma diferença baseada na questão de poder – economia. Poder espalhado em suas pequenas partes, que é capaz de resistir, movimentar-se, mesclando-se a outros poderes em circulação, nas diversas instâncias, e nos diferentes corpos que somos e em quem estamos nos tornando. Está explícito o corpo relicário, ou seja, o corpo diferenciado, raro, sagrado, delineado e que trás em si as inscrições da atenção, força e agilidade.

Nos discursos sobre corpos – desejos e consumo, estão expressos os corpos, enquanto desejo sexual, abordado por Lupton (2000), na qual o corpo recebe algumas limitações sociais, quanto a formas de expressão eróticas, consideradas depravadas e promove outras – habituais, pois estão ligadas intimamente com a economia de mercado.

Corpos – visão utilitarista. Nesta questão, há uma separação de corpo e razão, reforçando o dualismo moderno. As narrativas traçam uma rede de significados assumidos pelos corpos, e conforme Foucault (2004), estas representações não são novas interpretações e sim, representações de discursos que se ressignificam a partir do ambiente.

De acordo com Soares (2002) há um conjunto de saberes apagado do registro e da memória do povo, tratando-se de práticas populares tradicionais de artistas de

rua, e acrobatas do século XVIII, porém atualmente, os corpos – expressão são mais valorizados em suas práticas populares.

E nas relações estabelecidas, representadas e ressignificadas está o ambiente, representando o movimento histórico, social, político, cultural entre outros que intervêm nos corpos, marcados pelas pedagogias a partir dos discursos assumidos, vivenciados ou ignorados. O Ambiente representa o lugar, momento, época que propicia aos corpos construir e reconstruir seus discursos a partir de suas identidades mutantes.

Percebemos que nossos corpos, nossa imagem faz parte de nossa identidade visto que somos constantemente avaliados não apenas pelo que somos mas, ainda pela aparência do que demonstramos ser. Essa visibilidade conferida ao corpo apresenta desdobramentos que podem facilmente ser observados através dos produtos e serviços relacionados à denominada indústria da beleza e da saúde, cuja ampliação não cessa de acontecer.

Ser jovem, belo, saudável e ativo, parece ser uma imposição da contemporaneidade. Se por um lado há algo de interessante a ser observado nesse processo e que diz respeito ao cuidado que as pessoas podem ter sobre si próprias, sua saúde e seu bem-estar por outro, há preocupações a serem registradas, e aqui me refiro aos exageros e aos descuidos que, por vezes, esse mesmo movimento acarreta.

Fazemos um chamamento, um alerta para que se observe o corpo a partir de um outro patamar, que não seja através das representações hegemônicas de beleza, saúde e performance.

Desejamos a atenção dos futuros profissionais da Educação Física para um trato com sua corporeidade de forma mais sensível, ressignificando seu entendimento e percebendo-se enquanto parte do ambiente.

De momento, acreditamos que pudemos pintar e rabiscar sobre as representações que emergiram nos cursos narrativos, reconstruindo os corpos a partir das problematizações, fotos, figuras, histórias narradas, contadas e recontadas a cada fala.

## **REFERÊNCIAS**

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo. SP: Cortez, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 10. ed. São Paulo: Edições LOYOLA, 1998/2004.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 25ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Thomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, p.103 – 133, 2000.

\_\_\_\_\_. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 2, p. 101 - 132, jul./dez. 2000

\_\_\_\_\_. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 59 - 75, jul./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Tradução dos Artigos: Tomaz Tadeu da Silva - Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUPTON, Deborah. Corpo, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n. 2, p. 17 - 48, jul./dez. 2000.

NELSON, Cary, TREICHLER, Paula A. & GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma Introdução. In: SILVA, T.T. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7 – 38.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a Sexualidade: Discursos e Práticas de Professoras das Séries do Ensino Fundamental**. 2002. 125f. Tese (Doutorado em Bioquímica. Estudos em Educação em Ciências)- Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002.

SÁ, Raquel Stela de. Do corpo disciplinar ao corpo vibrátil: uma abordagem literária contemporânea. Rio de Janeiro: achiamé, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOUZA, Nádya Geisa Silveira de. **Que corpo é esse?** O corpo na família, mídia, escola, saúde... 2001. 168f. Tese (Doutorado em Bioquímica. Estudos em Educação em Ciências)- Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. **Educação e Realidade**, v. 21, n. 2, p. 161-176, jul-dez, 1996.